UMA ANÁLISE DA ANÁFORA V À LUZ DA *DESIDERIO DESIDERAVI*

Rafael Vieira da Silva do Rosário[1]

Resumo

No centro da liturgia eucarística encontram-se as anáforas. Nelas, a comunidade dos batizados, enxertados no Cristo, participa do eterno louvor do Filho ao Pai na força do Espírito Santo. Das diversas anáforas na Igreja de rito romano, o Brasil traz consigo uma anáfora própria, a Oração Eucarística V, fruto do IX Congresso Eucarístico Nacional, em Manaus na década de 70. Em sua elaboração houve a preocupação de uma linguagem mais popular. Esta análise tem por objetivo observar a teologia presente na anáfora V e sua proximidade com a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação litúrgica do povo de Deus.

Palavras-chave: Anáfora. Eucaristia. Igreja. Liturgia.

1 INTRODUÇÃO

A Igreja encontra na Liturgia o ápice de toda a sua ação, de modo especial na celebração eucarística (Concílio Vaticano II, p. 38, n. 10). Tendo por fim último, render glória à Deus por quem Ele é, e por tudo o que ele fez/faz em favor de seu povo, a Liturgia incorpora a Igreja no seio Trinitário, pois, incorpora a comunhão dos batizados no eterno do Filho ao Pai, na força do Espírito Santo.

A Oração Eucarística, ou Anáfora, é o coração pulsante de toda celebração eucarística (Taborda, 2015, p. 2019), nela encontramos, de forma sintética, o modo como a Igreja deve rezar, pois a Liturgia é a grande escola da oração cristã. Atualmente, o rito romano conta com diversas anáforas, cada qual com sua tradição e peculiaridades, contudo, observam uma estrutura comum a todas. A Anáfora V, a única Oração Eucarística

[1] Graduando do 6° período do curso de Teologia na Universidade Católica de Pernambuco - Unicap. Contato eletrônico: rafael.rosarium@gmail.com.

brasileira, legado do IX Congresso Eucarístico Nacional (1975), Traz consigo as marcas da teologia latina da década de 70, procurando uma linguagem mais inculturada, uma liturgia mais encarnada, que mostra um Deus encarnado que deseja ardentemente, *desiderio desideravi,* (Lc 22,15) estar "muito perto de nós" (Missal, 2018, p. 496).

Este trabalho pretende explicitar a teologia presente na Oração Eucarística V através da Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Para tal, a estrutura deste texto está desenvolvida em dois tópicos, o primeiro trata sobre como se deu o surgimento da Anáfora brasileira, e o segundo tópico, uma análise propriamente dita da teologia da Anáfora em questão sob o olhar da carta supracitada, *Desiderio Desideravi*.

2 O NASCIMENTO DE UMA ANÁFORA BRASILEIRA

Para compreender melhor este textoeucológico, se faz necessária uma breve análise do contexto eclesial e social em que a Igreja do Brasil estava inserida na década de 70. No âmbito eclesial, a Igreja estava por começar a implantar as reformas propostas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), que no âmbito litúrgico na constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* (doravante SC) expressou que:

> É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual o povo cristão, 'raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido', tem direito e obrigação, por força do batismo (Concílio Vaticano II, p. 41, n.14).

Para o sagrado concílio é de grande importância que a assembleia litúrgica compreenda que ela mesma celebra a ação litúrgica juntamente com aquele que preside o rito e, para sua eficácia plena, os fiéis devem celebrar a Liturgia com "reta intenção, adaptem a mente às palavras" (SC, p. 40, n. 11), ou seja, os fiéis abertos a ação do Espírito Santo, artífice de todos os sacramentos, devem unir suas mentes às palavras que pronunciam

nos textos eucológicos para uma ativa e frutuosa participação. Daqui já se pode inferir a necessidade de uma inculturação da linguagem eucológica.

Na América Latina, a Conferência Episcopal de Medellín (1968), no que diz respeito à Liturgia, se preocupou com que a linguagem eclesiástica fosse adaptada à realidade de cada povo para que a mensagem do evangelho fosse mais bem compreendida (Medellin, 1979, p. 90). Em respeito aos textos eucológicos, a conferência louvou a grande reforma litúrgica conciliar que permitiu a tradução dos textos para a língua vernácula de cada povo, contudo, apontou haver ainda a necessidade de uma maior adaptação da linguagem. A conferência ainda apontou que para a Liturgia realizar em plenitude seu objetivo, que é a glorificação de Deus, é importante também que ela se adapte e se encarne na cultura que a circunda (Medellin, 1979, p. 91-93). Ainda em meados da década de 60, as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação surgiram e trouxeram ao campo teológico novas discussões sobre a missão da Igreja e seu papel transformador na sociedade, recordando do convite existencial que a Liturgia, de modo especial a Eucaristia, nos impulsiona (Taborda, 2015, p. 219-221).

No âmbito social, a Igreja e toda sociedade brasileira enfrentava um momento obscuro de repressão e perseguição com a ditadura militar (1964-1985). Tempo também do surgimento de grandes profetas como o servo de Deus, Dom Helder Câmara, que por vezes recordou que celebrar a Eucaristia nos leva a viver o amor e exige a justiça social (Boselli, 2019, p. 183-185).

Para o IX Congresso Eucarístico Nacional que teve por tema "repartir o pão", foi escolhida a cidade de Manaus no coração amazônico, "Cenáculo sem portas nem divisórias, emoldurado pelas belezas naturais da Amazônia - nimbada de lendas, sonho e mistério" como disse o papa Paulo VI em mensagem televisiva aos participantes do congresso. É justamente nesse contexto da reforma litúrgica proposta pelo Concílio Vaticano II, com o objetivo de levar a Igreja do Brasil a compreender que celebrar a Eucaristia nos compromete com a caridade, nos impelindo a solidariedade fraterna e a missão, que nasce a anáfora brasileira.

Dos três possíveis esquemas da anáfora V, a que foi aprovada por Roma, de modo geral, segue o esquema das demais orações romanas. Contudo, seguindo o esquema estrutural anafórico de Cesare Giraudo, percebe-se a ausência do pós-sanctus, "parte anamnético-celebrativa que se segue ao hino angélico e conduz ao relato institucional" (Giraudo, 2003, p. 255). Em sua elaboração houve a preocupação de uma linguagem mais popular, próxima do povo mais simples (Taborda, 2015, p. 231). Na terceira edição do Missal Romano do Brasil, aprovado no ano de 2023, foram realizadas algumas modificações no texto da Oração Eucarística V, contudo, sua estrutura e sua proposta permaneceram. A teologia da anáfora brasileira é encarnada para demonstrar um Deus muito próximo de seu povo, o Deus Irmanado, que convida todos a caminharem com Ele.

3 CAMINHAMOS NA ESTRADA DE JESUS: A TEOLOGIA DA ORAÇÃO EUCARISTICA V

Segundo o relato lucano, o Senhor desejou ardentemente comer a páscoa com seus amigos antes de padecer (Lc 22,14-16), e ainda hoje ele deseja ardentemente comer aquela mesma páscoa com todos os seus irmãos e irmãs. A comunidade, atraída por esse desejo amoroso e ardente, manifesta que por isso é que estão ali "bem unidos, louvando e agradecendo com alegria" (Missal, 2018, p.495) porque todos foram convidados, ou melhor, desejados naquela mesa onde ninguém precisou conquistar um lugar (Francisco, 2022, p. 14, n. 4).

A Liturgia, que é "o sacerdócio de Cristo a nós revelado e doado na sua Páscoa" (Francisco, 2022, p. 26, n. 21) congrega os cristãos na Eucaristia com o mandato do Senhor de "que se faça a mesma coisa que fez naquela ceia derradeira" (Missal, 2018, p. 495) em uma assembleia festiva. No Início da Oração Eucarística, o prefácio prepara a comunidade para render a ação de graças à Deus reafirmando sua presença no meio dela que os une num só coração.

A anáfora V recorda que a comunidade ali reunida é um "povo santo e pecador" (Missal, 2018, p. 499), santa por pura graça e não por mérito, pois

é Deus mesmo que permite se manifestar já aqui na terra através da celebração dos seus mistérios e vê-lo vivificado pela sua páscoa (Francisco, 2022, p. 39-40, n. 43). Pecadora, pois ela reconhece sua pequenez que necessita do amor misericordioso do seu Senhor:

> O início de cada celebração recorda-me quem sou, pedindo-me para confessar o meu pecado e convidando-me a suplicar à bem-aventurada Virgem Maria, aos anjos e santos e a todos os irmãos e irmãs que roguem por mim ao Senhor: porque não somos dignos de entrar na sua casa, precisamos de uma palavra sua para sermos salvos (Francisco, 2022, p. 25, n. 20).

No prefácio da Oração V, aquele que preside a assembleia recorda a necessidade da união da comunidade celebrante com o "Cristo, vosso Filho, nosso irmão" (Missal, 2018, p. 495), para que a ação de graças da comunidade ofertada ao Pai seja perfeita e agradável, visto que, "É ele (Cristo) o sacerdote verdadeiro que sempre se oferece por nós todos" (Missal, 2018, p.495). Para esta união, a assembleia litúrgica faz sua prece epiclética para que ao receber o Pão e o Vinho eucaristizados "O Espírito nos una num só corpo, para sermos um só povo em seu amor" (Missal, 2018, p. 498) e sermos verdadeiramente *Corpus Christi*, o Corpo místico de Cristo, pois:

> Sem esta incorporação não há qualquer possibilidade de viver a plenitude do culto a Deus. De fato, um só é o ato de culto perfeito e agradável ao Pai: a obediência do Filho, cuja medida é a sua morte na cruz. A única possibilidade de poder participar de sua oferenda é se tornando filhos no Filho. É esse o dom que recebemos. O sujeito que age na Liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo (Francisco, 2022, p. 22, n. 15).

O evangelista Lucas faz questão de fazer uso do superlativo "desejei ardentemente" (Lc 22,15) para expressar intensidade do amor de Deus por nós, que ainda é ignorado por muitos:

> O mundo ainda não o sabe, mas todos são convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro [...] Não deveríamos ter

> sequer um momento de descanso, sabendo que nem todos ainda receberam o convite à Ceia ou que outros o esqueceram ou perderam nas sendas tortuosas da vida dos homens [...] para que todos possam sentar-se à Ceia do sacrifício do Cordeiro e viver dele (Francisco, 2022, p. 15, n. 5).

A Anáfora V possui também o uso recorrente de superlativos ("bem unidos"; "muito perto de nós"; "muita luz"; "bem felizes") para intensificar este amor de Deus que nos atrai à mesa de sua páscoa (Francisco, 2022, p. 25-26, n. 20). Foi desejo do Pai de "sempre ficar muito perto de nós, vivendo conosco no Cristo, falando conosco por ele" (Missal, 2018, p.496), pois "toda a criação, toda a história - que finalmente estava prestes a se revelar como história de salvação -, é uma grande preparação para aquela Ceia" (Francisco, 2022, p. 14, n. 3).

Na prece pela Igreja, a Oração Eucarística V lembra que ela, a Igreja, "caminha nas estradas do mundo rumo ao céu, cada dia renovando a esperança" (Missal, 2018, p. 498), isto é, mesmo que seu destino seja o Céu, ela caminha, toca no mundo presente marcado por injustiças, desigualdades, corrupções e sua vocação é de cada dia renovar a esperança de todos aqueles que lhes fora roubada. Há de se recordar que a *lex orandi* (liturgia), *lex credendi* (fé) e *lex agendi* (práxis) são a tríade inseparável que deve permear toda a existência cristã (Taborda, 2015, p. 36). A liturgia cristã, diferentemente de várias culturas, é um culto existencial, nela celebra-se o que crê e se vive o que se celebra. Se a liturgia que é celebrada não impulsiona aquele que celebra a um agir moral, reduzirá a ação litúrgica a um grande teatro sagrado. Na carta aos romanos, Paulo esboçou o verdadeiro culto que agrada a Deus: "Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual" (Rm 12,1).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a Anáfora V com a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, constata-se a rica interpretação e implementação da teologia conciliar

litúrgica do Vaticano II na Igreja do Brasil, teologia esta que é observada na Carta Apostólica supracitada. A anáfora brasileira recorda um Deus que sempre quis ficar muito próximo do seu povo que caminha renovando a cada dia a esperança, e de um dia viver bem felizes no reino que para todos ele preparou. O Papa Francisco nesta carta recorda a toda a Igreja o desejo ardente deste Deus de ser próximo, de comer com todos a sua Páscoa, dom gratuito de seu Amor. A Celebração Eucarística que é essencialmente comunitária, festa do corpo eclesial e ceia dos batizados em torno da mesa do seu Senhor, compromete todos aqueles que dela comem a viverem a comunhão com Deus e com os irmãos, pois, "Não há verdadeira comunhão eucarística sem comunhão eclesial" (Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 19). A Anáfora V foi criada num País que ainda hoje é marcado por grande desigualdade e injustiça social, mas também por belezas exuberantes e por um povo de fé que, dentro de suas batalhas diárias e atraídos pelo desejo ardente do seu Senhor, caminha nas estradas de Jesus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Tradução: CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BOSELLI, Goffredo. *O Sentido Espiritual da Liturgia*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

MISSAL Romano; tradução portuguesa da 2.ed. típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 2018.

CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL 18, 2020, Recife. *Anais* [...]. Recife: Paulus, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões de Medellin*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi* (sobre a formação litúrgica do povo de Deus). São Paulo: Paulinas, 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrossanctum Concilium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Concílio Ecuménico Vaticano II: (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

TABORDA, Francisco. *O Memorial da Páscoa do Senhor*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.